A questão climática no pensamento de Thomaz Pompeu[1]

Gabriel Pereira de Oliveira*

O tema do meio ambiente vem-se tornando cada vez mais importante no mundo contemporâneo. Em uma realidade marcada por agravamento da poluição, desmatamentos, extinções de espécies da fauna e flora, aquecimento global, não é de estranhar que os receios em torno de pautas como a das mudanças climáticas ganhem mais espaço em diversos grupos sociais. Essas questões são fundamentais à manutenção da vida no planeta e demandam urgentemente a renovação de práticas sociais, bem como a reformulação das políticas públicas.

Contudo, essa preocupação ambiental não constitui de todo uma novidade do século XXI ou mesmo das últimas décadas do século XX. Em vez disso, discussões a respeito, por exemplo, do desmatamento ou das mudanças no clima têm uma longa história. Daí a importância de pensar e construir os debates atuais sobre o meio ambiente não somente desde os parâmetros das chamadas "ciências da natureza", mas também com os aportes do campo da historiografia. Afinal, pensar historicamente a questão ecológica é essencial para aprofundar as discussões hoje, compreendendo como esse tema vem-se fazendo ao longo do tempo.

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

[1] Este texto foi inicialmente apresentado no dia 26 de setembro de 2018 como uma palestra da mesa-redonda "O Senador Thomaz Pompeu e a questão ambiental no século XIX", realizada na sede da Academia Cearense de Letras e promovida por essa mesma instituição em conjunto com o Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Instituto do Ceará. O evento foi parte das comemorações do "Bicentenário do Senador Pompeu (1818-2018)".

O século XIX, por exemplo, foi um momento em que a questão climática esteve na ordem do dia. Por um lado, naquela época de crescimento populacional, bem como de expansão da produção industrial e dos negócios capitalistas, controlar o chamado mundo natural e evitar que a produção econômica e a sociedade ficassem à mercê das oscilações do clima ganhava um peso cada vez maior.[2] Esse era o ideal da sociedade moderna na época. Não por acaso, aquele foi um momento de grande crescimento para a meteorologia.

Por outro lado, no entanto, aquele período viu também alguns questionamentos ao ideário do progresso. Um deles foi-se fazendo diante ritmo avassalador de devastação ambiental para sustentar a industrialização e as novas relações de mercado. Essa época, inclusive, seria um marco para o que se denomina atualmente de Antropoceno, uma nova era em que a espécie humana tem passado a interferir mais consideravelmente nas estruturas geológicas do planeta.[3] Ao mesmo tempo, naqueles idos do século XIX, a chamada crítica ambiental tornou-se peça muito importante aos anseios de repensar modos de desenvolvimento da sociedade humana. E, como ressalta Richard Grove, essa preocupação com o mundo natural fez-se fortemente atrelada a ideias sobre o clima.[4]

Um dos lugares onde ocorreu esse tipo de discussão ambiental no século XIX foi justamente no Ceará, nos então chamados sertões do Norte do Império brasileiro. Naquela província, em meio a uma forte seca, surgiu em 1846 o jornal *O Cearense*, que já em seu número inicial passou

---

2 Ver a este respeito: FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Ed. UniverCidade, 2000; GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850-1914)*. Trad. de Roberto Machado de Almeida. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 13-15; HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*. 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 50-55.

3 PÁDUA, José Augusto. Vivendo no Antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades; CRUTZEN, P. *et al*. The Anthropocene: Conceptual and Historical Perspectives. *Philosofical Transactions of the Royal Society*. n. 369. 2011. p. 847-856.

4 GROVE, Richard. *Green Imperialism*: colonial expansion, tropical island Edens and the origins of the environmentalism, 1600-1860. Cambridge, Cambridge University Press, 1995. p. 2, p. 152. Ver também a esse respeito: PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição*: Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil Escravista – 1786 - 1888. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

a trazer reflexões sobre o clima e as estiagens.[5] Esses textos, publicados sem a indicação de autoria, foram escritos por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil,[6] integrante do corpo editorial de *O Cearense* que se destacou nas reflexões sobre a estiagem associada a causas humanas.[7] Além disso, muitos desses textos divulgados no jornal foram reproduzidos posteriormente na obra de 1859 de Thomaz Pompeu com o título de *Memoria sobre a conservação das mattas e arboricultura como meio de melhorar o clima da provincia do Ceará*.[8]

Com base nesses textos publicados em *O Cearense* entre as décadas de 1840 e 1850, analisarei neste artigo como Thomaz Pompeu compreendeu o clima e mais especificamente as secas no Ceará. Para ele, a questão climática e da escassez de chuvas era o grande embaraço da província cearense. Porém, ao mesmo tempo, aquele estudioso nascido em Santa Quitéria e depois conhecido como Senador Pompeu buscou superar a ideia de que o Ceará estaria fatalmente destinado às secas. Ao defender a preservação de florestas e a construção de açudes, ele mostrou o quanto as dinâmicas climáticas eram cambiáveis. Assim, seria não somente possível, senão também necessário superar a escassez de chuvas com base no ideal iluminista herdado do século XVIII de controle humano sobre a natureza por meio do progresso.

---

5 *O Cearense*. Fortaleza. 4 de outubro de 1846. n. 1. p. 1-3. Ver também a este respeito: FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta*: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. Dissertação. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em História da UFC, 2004; NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974; STUDART, Guilherme. *Para a História do Jornalismo Cearense, 1824-1924*. Fortaleza: Typographia Moderna, 1924.

6 Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (1818-1877) nasceu na povoação de Santa Quitéria, no Norte do Ceará. Tornou-se, em Olinda, padre e Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas. Ele foi também o primeiro diretor do Liceu do Ceará, deputado provincial, geral e senador por sua província natal.

7 A respeito de Thomaz Pompeu, ver: BASTOS, José Romário Rodrigues. *Natureza, tempo e técnica*: Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e o século XIX. Dissertação (mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013; PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas e o Ceará: IV – Thomaz Pompeo de Sousa Brasil (1818-1877). *Revista do Instituto do Ceará*. 1998. p. 9-26; STUDART, Guilherme (Barão de). *Dicionário Bio-Bibliographico Cearense*. v. 3. Fortaleza: Typ. Mynerva, 1915.

8 BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. Memoria sobre a conservação das mattas e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará. Fortaleza – dezembro de 1859. In: ROSADO, Vingt-un (org.). *Oitavo livro das Secas*. p. 148.

Para desvendar a seca sob o olhar científico

Thomaz Pompeu era adepto da ideia já bastante difundida no Ceará de que a posição geográfica e as condições geológicas eram fatores importantes para gerar a secura do clima na província. O Ceará, segundo um de seus artigos de 1853, não possuía "nem grandes florestas, nem altas montanhas, nem rios permanentes ou lagos, que, como todos sabem, são as fontes das chuvas". Daí porque o próprio Thomaz Pompeu chegou a admitir que "a causa principal [da seca] está certamente no defeito da natureza".[9]

Ao mesmo tempo, todavia, Thomaz Pompeu assegurou também que havia uma outra causa muito importante a interferir nesse quadro da província, contribuindo para uma intensificação crescente das secas. O estudioso cearense disse estar certo, "como o estão distintos escritores, que o corte de nossas matas é a causa primordial das terríveis secas". Afinal, com a retirada das vegetações, não apenas se perdia esse elemento crucial à formação das chuvas, como também os solos ficavam mais expostos "aos raios abrasadores do nosso sol ardente que faz dessecar os campos e os esteriliza". Assim, mesmo sendo a seca um problema "filho da natureza do nosso solo, longe de minorar, vai sempre em aumento".[10]

Para a preocupação de Thomaz Pompeu, muitas das gentes cearenses ainda não davam a devida importância ao problema da seca. Embora nas épocas de estio houvesse grande alarde, miséria e lamento, "passada a crise ninguém mais cuida do futuro". Essa seria uma situação comparável àquela dos "habitantes do pé do Etna, ou do Vesúvio, que a cada irrupção do vulcão veem suas vinhas e habitações arrasadas, mas sempre descuidosos, sempre acreditando que aquela é última calamidade".[11]

Com base não somente em observações meteorológicas[12] ou em estudos de "sábios" e "distintos escritores", mas também a partir da análise das paisagens dos sertões e do contato com relatos das gentes sertanejas, Thomaz Pompeu foi constituindo suas leituras sobre o clima no Ceará. Por um lado, eram frequentes as referências a renomados naturalistas da

[9] Ensaio sobre a secca. n. II. *O Cearense*. Fortaleza. n. 622. 26 de abril de 1853. p. 1.

[10] A secca. O Cearense. Fortaleza. 4 de outubro de 1846. n. 1. p. 4.

[11] Ensaio sobre a secca. Jornal O Cearense, Fortaleza. 22 de abril de 1853. n. 621. p. 1.

[12] BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Memoria sobre o clima e seccas do Ceará e A necessidade da conservação das matas e da arboricultura*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1877. p. 3.

Europa e da Corte do Império brasileiro. A ideia do socialista francês Charles Fourier[13] de que "a atmosfera é um campo suscetível de cultura",[14] por exemplo, foi muito importante à compreensão de Thomaz Pompeu de que o clima no Ceará estava se deteriorando em razão de ações humanas.

Do mesmo modo, foram também importantes estudos como os do famoso naturalista Alexander von Humboldt,[15] defensor de que "quando os homens destroem as árvores que cobrem os topos e as encostas das montanhas, sob qualquer clima que seja, produzem-se ao mesmo tempo duas calamidades para as gerações futuras: a falta de combustível e a seca".[16] Essa ideia de que a diminuição da cobertura vegetal, decorrente na maioria das vezes da ação humana, gerava mudanças climáticas como a diminuição das chuvas e da umidade era o argumento da "teoria da dessecação".[17] Essa teoria foi muito famosa na época e defendida por vários naturalistas europeus e também do Brasil, como Caetano Pacova[18],

[13] O francês François Marie Charles Fourier (1772-1837) notabilizou-se pela elaboração de um projeto socialista fundado nos falanstérios, comunidades fundamentadas no cooperativismo.

[14] Em 1822, Fourier disse mais exatamente que "o ar é um campo submisso tanto quanto a terra à exploração industrial". FOURIER, Charles. Théorie de l'unité universelle. t. I. [Première édition, 1822]. Paris: Les Presses du réel, 2001, p. 344. Possivelmente, de acordo com Poncioni e Orsoni, Maciel Monteiro teve acesso à versão dessa frase reproduzida em 1841 por Félix Cantagrel, correspondente de Vauthier: "A atmosfera é, como a própria terra, um campo suscetível à cultura do homem". Ver PONCIONI, Claudia; ORSONI, Georges. Fourier sous les tropiques: la revue O Progresso dans le Pernambouc du XIX^{e} siécle. In: HEYMANN, Catherine (*et al.)*. *Hommage à Thomas Gomez*. N. spécial. Paris: Publication du Centre de Recherches Ibériques et Ibéro-Américaines de l'Université de Paris Ouest Nanterre La Défense, 2016. p. 331.

[15] Alexander von Humboldt (1769-1859) nasceu em Berlim e foi um dos mais notáveis estudiosos de ciências da natureza de sua época. Fez famosas viagens científicas pela Europa, América e Ásia.

[16] HUMBOLDT, Alexander von. *Viagem a las regiones equinocciales del Nuevo Continente* hecho em 1799 hasta 1804. t. II. Paris: Casa de Rosa, 1826. p. 333-334.

[17] GROVE, Richard. Green *Imperialism*: colonial expansion, tropical island Edens and the origins of the environmentalism, 1600-1860. Cambridge, Cambridge University Press, 1995; _____. *Ecology, Climate and Empire*: colonialismo and global Environmental History, 1400-1900. Cambridge: The White Horse Press, 1997.

[18] Caetano da Rocha Pacova nasceu no Maranhão e estudou agricultura e ciências naturais no século XIX.

Emílio da Silva Maia[19], José Bonifácio[20], todos elencados nos estudos de Thomaz Pompeu.

Por outro lado, para tecer suas leituras do clima, Thomaz Pompeu conjugou a essas leituras a sua realidade nos sertões do Norte do Império brasileiro. A chamada natureza sertaneja e os relatos de habitantes da região foram também muito importantes para a compreensão de que o clima estava mudando. Aliás, segundo Richard Grove, as porções semiáridas do planeta são as que sentem mais intensa e catastroficamente as consequências das mudanças climáticas e da devastação ambiental.[21] Daí a defesa de Thomaz Pompeu de que, "se dos princípios da ciência, da autoridade e exemplos estranhos recorrermos à experiência de casa, vemos que [...] o período das grandes secas vai encurtando consideravelmente".[22] Para ele, "as pessoas que conheceram algumas de nossas serras ainda no princípio deste século [XIX], recordam que nelas havia muito mais umidade, mananciais, correntes d'água etc. do que presentemente",[23] com rios perenes, alagadiços e pântanos.

Ao mobilizar essa diversidade de elementos e saberes, Thomaz Pompeu concluiu que as "secas provêm de nós mesmos, e que se irão aumentando se não pusermos termo a esse sistema bárbaro e desumano de derrubarmos todos os dias as nossas matas".[24] O grande problema era a incúria das gentes, com "o machado esterilizador do ignorante lavrador derribando, e roteando os poucos matos que guarneciam as faldas dos montes, e fontes dos ribeiros", além dos "fogos contínuos, que todos os

[19] Emílio Joaquim da Silva Maia (1808-1859) foi um médico e estudioso das ciências naturais.

[20] José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) nasceu em Santos. Com formação na Universidade de Coimbra, destacou-se por seus estudos de história natural e participação no Estado imperial brasileiro.

[21] GROVE, Richard. Green *Imperialism*: colonial expansion, tropical island Edens and the origins of the environmentalism, 1600-1860. Cambridge, Cambridge University Press, 1995. p. 25-26; 166.

[22] Ensaio sobre a secca. n. II. *O Cearense*. Fortaleza. n. 622. 26 de abril de 1853. p. 2. Sobre a importância de "conhecimentos populares" à meteorologia, ver: ANDERSON, Katharine. *Predicting the weather*: victorians and the Science of meteorology. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2005.

[23] BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. Memoria sobre a conservação das mattas e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará. Fortaleza – dezembro de 1859. In: ROSADO, Vingt-un (org.). *Oitavo livro das Secas*. p. 166.

[24] A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 1. 4 de outubro de 1846. p. 4.

anos assolam os campos e matos dos sertões por muitas léguas" e "abrasam a atmosfera".[25]

A análise de Thomaz Pompeu dos fatores a gerar chuvas expressou muito bem a sua visão. Em artigo de 1853, ele disse que, no Ceará, "temos uma extensa costa do largo oceano que banha a parte do norte, e nordeste da província, temos algumas pequenas serras, e tivemos algumas matas, que guarneciam as faldas das serras".[26] O tempo dos verbos é o grande elemento a indicar o pensamento do estudioso. Se a existência de águas oceânicas e de montanhas aparecem no tempo presente, a ocorrência de matas aparece como um evento do passado. E esse desaparecimento das matas em função da ignorância das gentes seria a única causa a poder explicar a intensificação das secas.

Especialmente no decorrer do século XIX, essa devastação adquiriu grandes proporções. Aqueles meados do século XIX, quando Thomaz Pompeu escrevia seus textos no jornal *O Cearense*, estariam sendo o período em que começavam a aparecer os efeitos da devastação das décadas anteriores. Para Thomaz Pompeu, afinal, o fim do século XVIII e o início do XIX foi quando "principiou entre nós em maior escala o derrubamento das florestas com a cultura do algodão", com roçados que iam "reduzindo a capoeiras campos outrora abrigados de copado arvoredo". A expansão das indústrias têxteis e consequentemente da produção de algodão[27] teriam contribuído sobremaneira para o derrubamento de matas em territórios como o dos sertões do Brasil.

Naquela época, de acordo com o historiador José Augusto Pádua, tal "destruição do ambiente natural não era entendida como um 'preço do progresso', como na visão hoje dominante, mas sim como um 'preço do atraso'".[28] Conforme o pensamento de Thomaz Pompeu, o problema não eram os avanços do dito mundo moderno, mas justamente a falta de

---

[25] Ensaio sobre a secca. n. II. *O Cearense*. Fortaleza. n. 622. 26 de abril de 1853. p. 1-2.

[26] Ensaio sobre a secca. n. II. *O Cearense*. Fortaleza. n. 622. 26 de abril de 1853. p. 1.

[27] GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução de Milton Amado, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 84; LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade*: conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991. p. 100.

[28] PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição*: Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil Escravista – 1786 - 1888. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 13.

modernidade, a inexistência de um manejo racional da natureza. E o suposto preço desse atraso havia de ser bastante elevado, pois era o próprio destino da sociedade que estava em jogo.

O Clima e o Futuro da Província do Ceará

> "Todos os anos caem ao golpe desumano do lavrador ignorante as nossas poucas matas; e que de dia em dia vamos tornando nossa infeliz província um horrível deserto. Tal é a triste sorte que nos está reservada se não procurarmos pôr termo a isto."
>
> Thomaz Pompeu, 1846.

Diante dos crescentes desmatamentos e do agravamento das condições climáticas, a própria existência do Ceará estava seriamente comprometida. De acordo com Thomaz Pompeu, havia vários exemplos da história da humanidade a mostrar o grande risco que os sertões secos corriam. Países férteis e abundantes do mundo da Antiguidade se tornaram "miseráveis e estéreis, não existindo outra alguma causa além do desaparecimento de seus bosques e matas". Várias "terras povoadas e ricas", como a Síria, Mesopotâmia, Babilônia ou até mesmo porções do Império Romano, tornaram-se "despovoadas e pobres, porque perderam as suas matas", passando a ser apenas "objeto de curiosidade aos viajantes modernos". E o Ceará já caminhava para esse mesmo destino. Sem os devidos cuidados em relação ao clima, segundo Thomaz Pompeu, essa mesma sorte "nos espera infalivelmente, e já dela temos provado uma boa parte".[29]

Sob o ideário do progresso, a saída almejada por Thomaz Pompeu diante dessa ameaça envolvia logicamente a modernidade. Para ele, "se a atmosfera, como diz Fourier, é um campo suscetível de cultura, poder-se-ia melhorar, em vez de piorá-la, como temos feito".[30] Bastaria a difusão da vida moderna. Sob tais fundamentos, até mesmo o clima estaria sob o controle da sociedade. Mais especificamente, como ressaltou José Augusto Pádua, a modernidade seria o "caminho mais direto para a salvação do território e para a construção de um país efetivamente civilizado".[31]

---

[29] A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 3. 18 de outubro de 1846. p. 3.

[30] Ensaio sobre a secca. n. II. *O Cearense*. Fortaleza. n. 622. 26 de abril de 1853. p. 1.

[31] PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição*: Pensamento Político e Crítica Ambiental

Era preciso, portanto, espalhar os preceitos da vida moderna e alertar a população sobre a ameaça climática. No raciocínio de Thomaz Pompeu, a população dos sertões com toda certeza diminuiria a devastação inconsequente das árvores se soubesse que era aceito "por todos os naturalistas que os vegetais transpiram, e às vezes copiosamente".[32] Daí o seu empenho no jornal *O Cearense* em "instruir ao povo" e "derramar por todas as classes úteis conhecimentos, mostrando-lhes os seus verdadeiros interesses".[33]

Além disso, essa tarefa a respeito do clima foi também muito importante às pretensões de Thomaz Pompeu de consolidar seu espaço nos jogos políticos em âmbito provincial e mesmo imperial naqueles idos das décadas de 1840 e 1850.[34] O seu esforço era no sentido de apontar o grande problema do Ceará e, especialmente, de mostrar-se como alguém capaz de solucioná-lo. A salvação da província estaria em suas mãos. Somente ele próprio teria percebido essa grave ameaça e, mais do que isso, somente ele teria conhecimentos para superá-la. Não por acaso a sua ênfase em 1846 de que nem "uma só voz ainda não se ergueu para mostrar ao povo os seus interesses; para lhe explicar a causa de seus sofrimentos; e para procurar desviá-lo do abismo, em que a largos passos se vai lançando".[35]

Thomaz Pompeu seria uma espécie de médico a tratar de sua província natal. Aliás, em um pronunciamento na Câmara dos Deputados em 1847, ele defendeu ser preciso de atitudes como as da medicina, que "como outra qualquer arte que tente a curar um mal, investiga a sua causa para combatê-lo e atacá-lo em sua origem".[36] Nesse sentido, além de "instruir a população", uma primeira medida importante nessa empreitada terapêutica, "não tanto para melhorar nosso país, como para preservá-lo de sua total ruína", deveria ser a "proibição do corte das

no Brasil Escravista – 1786 - 1888. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 19.

[32] A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 1. 4 de outubro de 1846. p. 4.

[33] A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 1. 4 de outubro de 1846. p. 4.

[34] Sobre essa trajetória de Thomaz Pompeu, ver: SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. *Um geógrafo do poder no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2018.

[35] A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 1. 4 de outubro de 1846. p. 4.

[36] Fala do Deputado Thomaz Pompeu na Câmara dos Deputados em 26 de Agosto de 1847. Disponível em: *O Cearense*. Fortaleza. n. 88. 4 de outubro de 1847. p. 3.

matas que restam, e dos incêndios nos sertões, que além de matarem todas as matas, abrindo vastas campinas, inflamam a atmosfera, e a tornam mais árida".[37]

Para Thomaz Pompeu, não seria preciso necessariamente plantar grandes "florestas, ou bosques, como aliás se tem feito em alguns países da Europa", pois "isso seria incompatível com nossas forças". O importante, em vez disso, seria "que cada proprietário plante algumas árvores, ou em roda de sua casa, pátio, ou nos açudes e onde for mais conveniente, e procure introduzir este dever nos hábitos de sua família, obrigando a todos, como um dever religioso, a conservar as árvores, e plantar outras".[38]

Em conjunto ao plantio de árvores e combate ao desflorestamento, outra medida essencial era a construção de açudes. Esse tipo de iniciativa já havia sido incentivado em anos anteriores, como na década de 1830, quando o governo da província do Ceará ofereceu gratificações a quem construísse reservatórios do tipo, com a finalidade de garantir a oferta de água.[39] Porém, o intuito de Thomaz Pompeu com a difusão de açudes era não somente assegurar o abastecimento hídrico, mas, muito mais do que isso, a sua meta era "melhorar o clima, já pela evaporação de suas águas; já porque oferece oportunidade para um maior plantio de árvores".[40]

Além das florestas, a ocorrência de focos hídricos e do consequente aumento da evaporação d'água seriam primordiais para favorecer a umidade e, assim, a ocorrência de chuvas. Com base nos preceitos da modernidade, seria possível superar as supostas dificuldades da natureza cearense para a existência de bons índices pluviométricos. Thomaz Pompeu recorreu até mesmo ao pensador francês Buffon[41] para defender os açudes, ressaltando que "diz Buffon que basta uma floresta de mais ou de menos

[37] Ensaio sobre a secca. n. III. *O Cearense*. Fortaleza. n. 625. 6 de maio de 1853. p. 1.

[38] Ensaio sobre a secca. n. III. *O Cearense*. Fortaleza. n. 625. 6 de maio de 1853. p. 1.

[39] A Lei Provincial do Ceará n. 59 de 26 de setembro de 1836 estabeleceu gratificações aos proprietários que construíssem açudes em suas terras. Disponível em: OLIVEIRA, A. L.; BARBOSA, I. C. (orgs.). *Leis Provinciais*: Estado e Cidadania (1835-1861). Fortaleza: INESP, 2009.

[40] Ensaio sobre a secca. n. III. *O Cearense*. Fortaleza. n. 625. 6 de maio de 1853. p. 1.

[41] George-Louis Leclerc (1707-1788), que alcançou o título de Conde de Buffon, foi um dos principais naturalistas franceses.

em um país para que se altere sua temperatura. Ora, uma imensidade de açudes cercados de arvoredos espalhados na província [do Ceará] valem bem uma floresta".[42]

> Não queremos supor que um ou outro açude com alguns pequenos arvoredos, espalhados nestes imensos sertões, tenham influência de melhorar a atmosfera. Mas se por exemplo todos forem praticando isso, de modo que de fazenda em fazenda, ou de légua em légua se faça um açude, ou plantio de arvoredos, não pode deixar de modificar-se a climatura do país; porque conquanto sejam pequenos, mas sendo muitos os focos da evaporação, e umidade, a atmosfera não pode deixar de saturar-se de uma grande coleção de novas partículas aquosas, que devem alterar mais ou menos a nossa temperatura.[43]

Defender que o clima do Ceará poderia ser modificado de maneira benéfica significava dizer que a província não estava fatalmente destinada a sofrer sempre com a seca, como a que ocorreu tão catastroficamente nos meados da década de 1840. Em vez de província atrasada e fadada ao flagelo de intempéries climáticas, o Ceará poderia tornar-se um marco da modernidade no Brasil com a transformação de seu clima árido em um mais ameno. Somente o progresso poderia garantir a existência da província. Para Thomaz Pompeu, ao cobrir a província racionalmente com árvores e "ricos mananciais de rega, veríamos renascer nela a idade de ouro, hoje substituída pela de lágrimas, do pranto, da miséria e da fome".[44] Em suma, a discussão sobre o clima era crucial ao destino da província do Ceará, fosse para torná-la um deserto, fosse para salvá-la.

Conclusão

As leituras a respeito do clima como um fenômeno passível de transformações foi muito importante para a legitimação de Thomaz Pompeu como homem de ciência e estadista nas décadas de 1840 e 1850. Com base nessa questão climática, ele buscou se apresentar como a pessoa mais capacitada para solucionar o principal problema do Ceará, que era a seca, por meio da modernização da província. Por meio do manejo da natureza

[42] Ensaio sobre a secca. n. III. *O Cearense*. Fortaleza. n. 625. 6 de maio de 1853. p. 1.

[43] Ensaio sobre a secca. n. III. *O Cearense*. Fortaleza. n. 625. 6 de maio de 1853. p. 1.

[44] A construcção de assudes. *O Cearense*. Fortaleza. n. 6. 8 de novembro de 1846. p. 3.

fundado no ideal de progresso, e mais especificamente com políticas de arborização e construção de açudes, até mesmo o clima poderia estar sob controle humano.

Com base em estudos de renomados cientistas e na observação de paisagens, bem como nos relatos de gentes dos sertões, a ideia de Thomaz Pompeu era a de que o clima era passível de mudanças ao longo do tempo, fossem de caráter benéfico ou não. Se as condições climáticas do Ceará estavam tornando-se mais severas em decorrência de hábitos imprudentes de sua população, era possível e, mais do que isso, era necessário reverter esse quadro por meio de práticas modernas. Aqueles sertões secos do Norte do Brasil poderiam sair do caminho rumo à desertificação para tomar um novo rumo da modernidade, com um clima mais benigno, sob o controle humano.

Pensar toda essa historicidade das relações entre seres humanos e o clima é, portanto, fundamental para enriquecer e aprofundar os debates atuais sobre a questão ambiental e climática. Em conjunto com áreas já consagradas nas discussões desse assunto, como a física, biologia, química ou a geografia, também o campo da história tem um grande contributo a esse tema tão caro e urgente ao mundo contemporâneo. Trata-se de pensar criticamente a complexidade histórica da questão ambiental, de entender como ela vem-se fazendo ao longo do tempo e nos mais diferentes lugares de maneira sempre muito peculiares, envolvendo vários agentes e interesses. Trata-se de perceber, por exemplo, que, enquanto hoje as mudanças climáticas costumam ser motivo de grande apreensão, no século XIX essas alterações no clima foram não apenas motivo de medo, mas foram também um desejo para vários pensadores, entre os quais o próprio Thomaz Pompeu, nos sertões do Império do Brasil.

Referências

Artigos de periódicos digitalizados

- Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 1. 4 de outubro de 1846. p. 3-4

A secca. *O Cearense*. Fortaleza. n. 3. 18 de outubro de 1846. p. 2-3.

A construcção de assudes. *O Cearense*. Fortaleza. n. 6. 8 de novembro de 1846. p. 3-4.

Ensaio sobre a secca. n. I. *O Cearense*. Fortaleza. n. 621. 22 de abril de 1853. p. 1.

Ensaio sobre a secca. n. II. *O Cearense*. Fortaleza. n. 622. 26 de abril de 1853. p. 1-2.

Ensaio sobre a secca. n. III. *O Cearense*. Fortaleza. n. 625. 6 de maio de 1853. p. 1-2.

Ensaio sobre a secca. n. IV. *O Cearense*. Fortaleza. n. 630. 24 de maio de 1853. p. 3.

Obra

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. Memoria sobre a conservação das mattas e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará. Fortaleza – dezembro de 1859. Ed. Fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

HUMBOLDT, Alexander von. *Viagem a las regiones equinocciales del Nuevo Continente* hecho em 1799 hasta 1804. t. II. Paris: Casa de Rosa, 1826.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução de Milton Amado, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

Bibliografia

ANDERSON, Katharine. *Predicting the weather*: victorians and the Science of meteorology. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2005.

BASTOS, José Romário Rodrigues. *Natureza, tempo e técnica*: Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e o século XIX. Dissertação (mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

CRUTZEN, P. *et al*. The Anthropocene: Conceptual and Historical Perspectives. *Philosofical Transactions of the Royal Society*. n. 369. 2011. p. 847-856.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta*: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. Dissertação. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em História da UFC, 2004.

FOURIER, Charles. Théorie de l'unité universelle. t. I. [Première édition, 1822]. Paris: Les Presses du réel, 2001

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Ed. UniverCidade, 2000.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850-1914)*. Trad. de Roberto Machado de Almeida. São Paulo: Brasiliense, 1973.

GROVE, Richard. *Green Imperialism*: colonial expansion, tropical island Edens and the origins of the environmentalism, 1600-1860. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*. 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 50-55.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade*: conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (orgs.). *Leis Provinciais*: Estado e Cidadania (1835-1861). Compilação das Leis Provinciais do Ceará – comprehendendo os annos e 1835 a 1861 pelo Dr. Jose Liberato Barroso. ed. Fac-similada. 3 vol. Fortaleza: INESP, 2009.

PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição*: Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil Escravista – 1786 - 1888. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. Vivendo no Antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades. In: OLIVEIRA, Luiz Alberto. (Org.). *Museu do Amanhã*. 1ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015. p. 66-71.

PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas e o Ceará: IV – Thomaz Pompeo de Sousa Brasil (1818-1877). *Revista do Instituto do Ceará*. 1998. p. 9-26.

PONCIONI, Claudia; ORSONI, Georges. Fourier sous les tropiques: la revue O Progresso dans le Pernambouc du XIX^{e} siécle. In: HEYMANN, Catherine (*et al.)*. *Hommage à Thomas Gomez*. N. spécial. Paris: Publication du Centre de Recherches Ibériques et Ibéro-Américaines de l'Université de Paris Ouest Nanterre La Défense, 2016.

SOUSA NETO, Manoel Ferndades de. *Um geógrafo do poder no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2018.

STUDART, Guilherme (Barão de). *Dicionário Bio-Bibliographico Cearense*. v. 3. Fortaleza: Typ. Mynerva, 1915.

_____. *Para a História do Jornalismo Cearense, 1824-1924*. Fortaleza: Typographia Moderna, 1924.